“O CORRUPIRA E SEUS VIZINHOS NA TERRA DA UVA: A FAMÍLIA RURAL JUNDIAIENSE E A URBANIZAÇÃO”

Rafael Antunes Padilha

Ciências Sociais-USP

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar os avanços, mesmo que modestos, no projeto etnográfico de iniciação científica em bairros tradicionalmente ligados à produção agrícola do município de Jundiaí, São Paulo. Nele serão expostas as diferentes forças em ação na consolidação de uma nova configuração espacial e social em uma cidade em desenvolvimento em franco processo de elitização e diversificação de sua economia. A grande pergunta que orientou o pesquisador, e que deve ser mantida pelo leitor deste trabalho, é como famílias de origem colônia italiana se identificam e interpretam as mudanças que afetam o seu mundo – aí incluídos o espaço físico, a vizinhança e seu entendimento por cidade.

Palavras-chave: antropologia rural, desenvolvimento rural, urbanização, vitivinicultura

INTRODUÇÃO

Entre os principais centros urbanos paulistas, Jundiaí tem se destacado por sua crescente economia. Lugar de estabelecimento de indústrias dos ramos da metalurgia, alimentar e logística - e mais atualmente de alta tecnologia – o município, segundo dados de 2012 do IBGE²³⁷, é detentor do vigésimo quarto produto interno bruto do país. Ainda para o ano de 2015, a câmara municipal aprovou, em sessão de 9 de dezembro do ano anterior, o Projeto de Lei Orçamentária que prevê R\$ 1,82 bilhão de recursos para gastos públicos²³⁸.

Levando em consideração a efervescência social e econômica comum à uma região de forte atração humana, o passado rural e étnico da cidade é reconfigurado e repensado a partir do presente. Tendo, por exemplo, o estudo de Michael Herzfeld na vila grega de *Rethemnos*²³⁹, o pesquisador busca traduzir duas faces de um mesmo fenômeno quando confrontadas: uma sendo a construção de uma identidade segundo o próprio produtor rural, sua relação com a terra e o trabalho familiar; outra sendo a dos interesses ideológicos e econômicos da administração pública.

²³⁷ IBGE. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Pib_Municipios/2012/pdf/tab01.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Pib_Municipios/2012/pdf/tab01.pdf)>

²³⁸ CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. Projeto de Lei LDO-2015. Disponível em: <[http://deolhonodineiropublico.jundiai.sp.gov.br/sitetranspv2/biblio.nsf/V03.01/esq_planos_ldo/\\$file/ALDO2015.pdf](http://deolhonodineiropublico.jundiai.sp.gov.br/sitetranspv2/biblio.nsf/V03.01/esq_planos_ldo/$file/ALDO2015.pdf)>

²³⁹ HERZFELD, Michael. *A place in history: Social and monumental time in a Cretan town*. Princeton University Press, 1991.

A nova fase de urbanização pela qual passa Jundiaí deixa bem claro quais são os setores que mais se enquadram na política de desenvolvimento local. Os crescimentos dos ramos ligados ao mercado imobiliário, aqui, ainda são maiores que a média nacional, mesmo com a recente queda no setor. É comum para quem frequenta as rodovias Anhanguera e Bandeirantes, avistar *outdoors* anunciando vários empreendimentos verticais ou não, com clubes, bosques e lagoas em suas dependências. Muitos inclusive mantendo o nome da fazenda que ali antes existia.

Tal desenvolvimento acarreta mudanças na maneira que o pequeno produtor, agora autointitulado “empresário rural”, se relaciona com a vida social urbana, cada vez mais próxima de sua realidade. Associações sindicais, tecnológicas e comerciais são ferramentas utilizadas para a manutenção das suas propriedades e de seu modo de produção familiar.

Durante este artigo será explicado o que para o pesquisador se trata de um processo histórico de crescimento urbano ligado ao próprio modelo de trabalho familiar. O rompimento do urbano com o rural jundiaense se configura a partir das iniciativas comerciais de produtores, da diversificação de suas atividades econômicas e da chegada de multinacionais nos anos de 1970. A trajetória de pesquisa se inicia com um levantamento estatístico e historiográfico da região e o estabelecimento da colônia italiana nesse município do interior paulista. É a partir de famílias da própria comunidade italiana que irá surgir, principalmente na primeira metade do século XX, as indústrias têxteis, de cerâmica e de alimentos da cidade.

Veremos como, ontem e hoje, o trabalho familiar é a forma como estes produtores se relacionam com o mundo externo. É a partir de suas frutas – principalmente a uva – que eles conversam sobre suas terras, seus filhos e familiares. E a respeito da vizinhança, não mais exclusivamente agrária, como se dá a interface entre a família nuclear e o universo de intensa mudança que os cerca.

Nas viagens ao campo, quando submetido às conversas, principalmente, com pais de famílias e *nonos*, várias das suposições que haviam no projeto de pesquisa foram desestabilizadas ou completamente ultrapassadas pelas informações por eles fornecidas. As famílias se relacionam não exclusivamente no bairro, como foi enunciado, mas através de festas típicas e espaços de deliberação como associações e sindicatos – no caso do pesquisador tal visão de relacionamento se deu a partir do discurso masculino, e muito raramente houve interação com mulheres.

O PROCESSO DE PESQUISA

As entrevistas semiestruturadas com o uso de questionários socioeconômicos e perguntas abertas foi, antes, uma útil maneira de ultrapassar a natural desconfiança que qualquer pessoa possui ao ser interpelada por um desconhecido. Com elas foi possível levantar questões como tipo de lavoura, quantidade de familiares, religião, escolaridade e afiliação a entidades políticas ou sociais.

Também com os questionários, os interlocutores foram levados - talvez por curiosidade - a trocar mais informações com o pesquisador. Não foram raros os momentos em que simples perguntas abriram brechas para que falassem de seu passado e criassem conexões com outras questões ali presentes. No caso das perguntas abertas, colocadas ao final da entrevista semiestruturada, a expressividade dos informantes foi mais acentuada. Visões de mundo, crenças e concepções sobre o que é bom ou não para seu bairro e sua família foram, em alguns momentos, mais frutíferas que as conversas informais. Mas não exclusivamente. Em certas ocasiões o questionário e o uso de gravador de voz promoveram uma intimidação visível, apenas superada com o uso da informalidade entre pesquisador e entrevistado.

Com dados estatísticos do IBGE, SECOVI-SP (Sindicato da Habitação de São Paulo) e estudos historiográficos da região, foi possível levantar nesta primeira fase de pesquisa informações suficientes a serem confrontadas com a parte qualitativa do estudo. As visitas aos sítios, conversas em festas e entrevistas ajudaram a dar movimento aos números.

A manutenção de um caderno de campo e de fotografias serviu de apoio inestimável à etnografia. Com eles é possível manter um registro não só das idas à Jundiaí, como as transformações rápidas e profundas na comunidade e na topografia dos bairros.

O bairro Parque Corrupira e sua região, que dão nome ao projeto, são hoje um dos focos da política habitacional do FUMAS (Fundo Municipal de Ação Social). Ainda na década de 1980, uma área próxima recebeu diversos empreendimentos populares da antiga CECAP (Companhia Estadual de Casas Populares) e hoje está em intenso processo de urbanização via “Minha Casa, Minha Vida”. A realidade vivida por estes *sitiantes* é a da completa transformação de seu modo de

vida, mais especificamente de sua fonte de renda. Mas o drama da urbanização, tal como vista pelos pais de família, se estende também para outros locais.

O governo estadual mantém um projeto de turismo rural denominado “Circuito das Frutas”, onde participam produtores das regiões com lavouras tradicionais do interior paulista. Com culturas de frutas das mais variadas, o programa visa o público urbano da capital. Através de seu website²⁴⁰ foi possível acessar uma lista de chácaras e sítios cadastrados, com telefones e e-mails para contato. Outra fonte de busca foi a AVA (Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho de Jundiaí), que divulga em *folder* e pela internet os seus cooperados.

A CIDADE E O BAIRRO

Em Jundiaí o nome de família é importante. As famílias tradicionais (não significa necessariamente que ela seja detentora de poder) se compreendem em termos de sobrenome. Ele define qual ramo de produção você está ligado, quais culturas você cultiva, qual sua posição de posse em relação à terra e outros bens, e qual é o bairro de sua residência. Quando o indivíduo, como um filho ou neto, atua em outros ramos profissionais, o sobrenome o relacionará indiretamente a uma história específica de trabalho familiar.

Não é de hoje que nomes de família definem indivíduos uns em relação aos outros. O loteamento do então Núcleo Colonial “Barão de Jundiahy”, atual Caxambu, se estabeleceu pela divisão de atividade rural ou comercial para os colonos. Ao redor da praça 15 de Novembro, um pequeno centro com comércio gerido por imigrantes italianos foi se estabelecendo e produtos advindos das pequenas propriedades já encontravam ali um pequeno mercado. O processo de identificação familiar, entre os mais antigos moradores – até mesmo do perímetro urbano, segue a lógica de associação entre o nome de família e o bairro de residência.

Para a historiadora Elizabeth Filippini, o trabalho familiar é um valor para o colono italiano da cidade, um ideal a ser perseguido na luta pela sua autonomia econômica. Ela afirma que “*esses primeiros grupos, ao emigrarem, tomaram essa decisão enquanto família e não apenas como indivíduo. Nessa linha de pensamento é que podemos compreender porque, já em São Paulo, esses*

²⁴⁰ Disponível em: <<http://www.circuitodasfrutas.com.br>>

grupos continuaram a lutar pelo trabalho de todos.”²⁴¹ Em todas as visitas ao campo, o trabalho era majoritariamente familiar, com algumas exceções onde havia o suporte de mão-de-obra assalariada e migrante.

Ainda em seu estudo, Filippini demonstra que é na propriedade agrícola que nasce a indústria jundiaense. São fábricas de tijolos e cerâmicas rústicas espalhadas por toda a região do núcleo colonial. Hoje existem algumas dessas olarias que surgiram como primeiras indústrias da colônia. A fabricação de cerâmicas se desenvolveu no município ao ponto de empresas de grande porte como a Pozzani (extinta em 2012) e a Deca Louças marcarem a cena da vida cotidiana da população.

Existe um avanço da cidade sobre o campo, irradiado a partir do centro e margeando as rodovias Anhanguera e Bandeirantes. De maneira mais geral, há dois tipos de imóveis urbanos: os condomínios fechados e as habitações populares. Segundo o SECOVI-SP²⁴² foram lançadas entre os anos de 2010 e 2013, desde de residências, apartamentos e outros, 14.088 unidades²⁴³ de empreendimento imobiliário. Consta ainda, que 89% dessas construções são do tipo vertical.

Os dados do FUMAS são escassos e nos fornecem apenas informações sobre os principais programas habitacionais promovidos pela prefeitura. Em seu *website*, o portal da transparência informa que o loteamento popular “Fazenda Grande” conta com 1778 casas já entregues e 364 em construção²⁴⁴. O programa “Minha Casa, Minha Vida”, por sua vez, conta com “352 apartamentos localizados na região do Terra da Uva, bairro do Corrupira”²⁴⁵, área tradicional de cultivo de frutas, principalmente uva e pera.

Se obtermos como exemplo a área destinada ao cultivo da uva, principal produto agrário de Jundiaí, em 2004 eram 1.939 hectares, em 2008 foram 1800 hectares e em 2013 uma grande

²⁴¹ FILIPPINI, E. *Terra, Família e Trabalho: o núcleo colonial Barão de Jundiaí (1887 – 1950)*. 182. Dissertação. FFLCH-USP. São Paulo, 1990.

²⁴² Disponível em: <<http://www.secovi.com.br/files/Arquivos/estudo-do-mercado-imobiliario-de-jundiai-2013.pdf>>

²⁴³ Unidade residencial aqui se refere a uma casa ou habitação.

²⁴⁴ Disponível em: <<http://fumas.jundiai.sp.gov.br/habitacao/fazenda-grande/>>

²⁴⁵ Disponível em: <<http://fumas.jundiai.sp.gov.br/habitacao/minha-casa-minha-vida/>>

queda para 1400 hectares²⁴⁶. Em 2000, o censo demográfico indicava 23.190 habitantes da zona rural, dez anos depois o número cai para 15.922 pessoas²⁴⁷.

Houveram conversas com os produtores em suas propriedades e em eventos, tal qual a tradicional Festa da Uva de Jundiá. É interessante notar que, não só neste evento como em outras modalidades de divulgação cultural e comercial do município, a promoção do rural como coisa, um valor a ser agregado à venda da imagem de local pacífico para se morar, é claramente de oposição ao caos metropolitano – mesmo que isso não seja claramente compreendido como políticas públicas. Aos olhos do “empresário rural” jundiáense, ele está só na luta pelo seu espaço no mercado e a posse de sua terra.

Foi possível, ao longo deste período de pesquisa, observar uma relação ambígua do homem do campo com os moradores de condomínio fechado e aqueles de moradias populares. Não foi possível constatar em seu dia-a-dia de trabalho na roça qualquer relação direta com seus vizinhos. Nas conversas às portas das casas ou na mesinha de café, o que mais o pesquisador notou foi uma reclusão do sitiante em relação a diversas formas lúdicas de interação. Suas relações com membros de fora da família é quase sempre de cunho comercial ou religioso, com algumas exceções as festividades como a festa anual da colheita. Essa sociabilidade se dá na associação de produtores de vinho, no sindicato rural, ou com clientes e turistas. É também nas missas (dos entrevistados todos eram católicos) que há socialização com seus amigos. Vale ressaltar, porém, que o contato com estas famílias não permitiu concluir de fato que esta seja a única forma de sociabilidade entre moradores de um mesmo bairro.

As famílias ligadas ao campo, e mais especificamente de origem italiana, se conhecem e mantêm laços de amizade. Esses grupos, desde gerações anteriores, quando da vinda dos primeiros italianos para a colônia ou dos grupos posteriores que vieram de fazendas da região central do estado, estabeleceram laços entre si. Em uma entrevista, o pesquisador, ao comentar

²⁴⁶ IBGE. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=352590>>

²⁴⁷ Idem. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=352590&idtema=67&search=sao-paulo|jundiá|censo-demografico-2010:-resultados-do-universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>> e <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=310/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=35&letra=J>

das frustradas tentativas de entrar em contato com uma chácara em especial, ouve de R. L.²⁴⁸ que *“para falar com B.C. basta ir até o sítio dele, ele tá sempre do lado de fora no finzinho da tarde”*. R. L. reside em um bairro no extremo oposto do homem ao qual se referiu. Ainda mais para frente na conversa afirmou que muitas pessoas ligadas à uva, ele conhece já desde pequeno. Frequentavam as mesmas festas como a já anteriormente citada, e outras da igreja e bailes.

Outra esfera envolve a urbanização. Com ela, cada dia mais, o espaço se transforma no entorno dessas propriedades. Os antigos sítios vão sendo substituídos por áreas de maior densidade populacional, como os conjuntos habitacionais ou condomínios. Uma conversa com o produtor de uva niágara, D., é bem emblemática sobre essa mudança:

Pesquisador: *Jundiaí é uma cidade que cresceu muito, o bairro que você mora é diferente de alguns anos atrás?*

D. (entrevistado): *“Mudou bem, antes era mais agricultura. Hoje tão vendendo terra para condomínio. Os ‘tio’ M.H. e B.²⁴⁹ compra tudo a preço de banana, os ‘trator’ tá tudo comendo terra. O mercado diz que vem pra cá, isso é bom pra nós, mas tem muito loteamento clandestino²⁵⁰. O pessoal vende a terra e depois quero saber como vai viver sem terra. Daí te pergunto, quem tá certo? A prefeitura ou nós? Aí coloca tratamento de esgoto, que a gente fez, mas o pessoal não queria. Dizia que ia dá cheiro, mas no fim não deu nada! Eu tenho tudo agora! O rio pelo menos ficou limpo.”*

Com o avanço da cidade, mudanças no plano diretor levaram à aplicação do Imposto Predial Territorial Urbano em terrenos de clara destinação agrícola. Este é um problema recorrente e motivo de reclamações por parte dos moradores não só da região do Terra da Uva, como de outros bairros. Segundo os próprios “empresários rurais”, a carga tributária elevaria muito os custos da produção em uma terra já pobre para o tipo de cultura ali destinado, e para piorar, desgastada pelo uso intensivo de geração atrás de geração. A média das propriedades beira a idade de 60 anos, com algumas chegando a 100 anos de existência.

²⁴⁸ Os nomes pessoais serão ocultados por pedido dos interlocutores.

²⁴⁹ M.H. e B. se referem a dois políticos importantes na cidade e ligados à construção civil.

²⁵⁰ Ao falar em loteamento clandestino D. se refere aos condomínios de alto padrão comuns na zona rural jundiaiense que não possuem documentação para existirem.

ANÁLISE

A tendência de venda de terras geralmente decorre de três principais problemas: o desinteresse das novas gerações em tomar a administração da propriedade agrícola; a subsequente divisão ou total venda do lote para especuladores; e por fim, dificuldades financeiras. Todas as famílias se apoiam no trabalho coletivo de seus membros, e mesmo os jovens ainda são levados a estudar em colégios técnicos agrícolas da região. Porém, muitos quando retornam, preferem a fácil e mais estável rentabilidade de um emprego com carteira assinada em escritórios ou outras cidades.

Um interessante fenômeno, que ainda deve ser mais profundamente investigado, é o discurso sempre presente entre os jovens sobre as condições pouco estimulantes do trabalho na lavoura. Os cursos superiores de administração, em primeiro lugar, e direito são os mais procurados para completar sua formação educacional. Essa é a via alternativa mais comentada por eles. As reclamações sobre a roça variam desde a penúria que é se dedicar horas sob o forte sol, em um trabalho pesado e sem garantias de bom retorno, até a carga tributária que, segundo eles e seus pais, demanda uma alta produtividade constante para dar bons lucros. Mesmo Jundiá sendo uma das poucas localidades em que a uva é produzida o ano todo, para aqueles que ficam e não abandonam o campo, a ausência de novas terras para expandir sua produção e a impermeabilização do solo decorrente da expansão urbana se configuram em preocupações que pesam no cálculo para investimentos futuros.

Não raro, propriedades são muradas. O termo “invasão” foi amplamente utilizado, sempre para produzir uma imagem negativa de um outro que é abstrato. Para vários deles, “invasão” se trata de uma constante tomada do seu espaço por novos elementos exógenos. No horizonte das colinas onde antes haviam árvores, florestas e rios, hoje são substituídos por torres de alta tensão, conjuntos habitacionais e asfalto. Um espaço histórico e fortemente conectado às trajetórias familiares de uma comunidade que hoje está em processo, se não de decadência, talvez de profunda transformação, não permite a esta altura dos acontecimentos uma previsão segura do que poderá ocorrer.

Na propriedade de R. L. temos uma imagem mais clara do fenômeno do avanço da cidade. Na foto a seguir (*Figura 1*) podemos, no canto esquerdo superior, visualizar os prédios e

gruas do conjunto habitacional popular “Moradas das Vinhas”, bem à frente das linhas de energia da Eletropaulo. No outro canto temos uma área de recente loteamento, praticamente dentro de sua terra.

Figura 1. Propriedade de R. L., Bairro do Corrupira. Ao fundo é possível avistar os prédios de habitação popular do FUMAS

Utilizando a experiência etnográfica de Michael Herzfeld sobre a “monumentalização” do tempo na Grécia, da maneira como a burocracia estatal transformou juridicamente uma vila rural em patrimônio histórico através de uma conceituação ideológica de passado, nos proporciona uma visão dos movimentos de gentrificação que estão ocorrendo nesta cidade paulista. Jundiaí tem, à sua maneira, vivenciado uma luta pelo futuro do passado. Ou um futuro vendido a partir de uma ideia específica de passado. Aqui, a anterioridade rural e europeia do município é mobilizada como forte propaganda político-ideológica e relaciona a cidade aos valores “moralmente superiores” de trabalho da tradição imigrante italiana. Essa é uma maneira de merchandising voltada para um público de fora. Em matéria retirada da edição digital do “Jornal de Jundiaí” (Figura 2), a chamada e o primeiro parágrafo explicitam a visão do setor imobiliário:

28/05/2014 22h50 - MÉDIO E ALTO PADRÃO

Mercado imobiliário de Jundiaí investe para atrair paulistanos

8+1 0

Tweeter 0

Curtir

Compartilhar

31

Imóveis de médio e alto padrão com endereço jundiaense têm atraído cada vez mais os paulistanos. Há algum tempo esse público tem voltado os olhos para a nossa cidade por incontáveis fatores - de índices econômicos à qualidade de vida - e, agora, empresas do setor imobiliário têm investido em ações diversificadas para aumentar as vendas entre os moradores da capital paulista.

Figura 2. Fonte: <http://www.jj.com.br/noticias-2433-mercado-imobiliario-de-jundiai-investe-para-atrair-paulistanos>

Para os próximos meses de pesquisa será necessário analisar melhor os mecanismos de trabalho destas famílias. Com a expansão do mercado de trabalho, a alta carga tributária decorrente do novo plano diretor, a alta rentabilidade da especulação imobiliária e mais atualmente a crise de abastecimento de água no Sudeste, como ficarão estes proprietários? A mudança de paisagem é cotidiana e, a cada visita, novos prédios e casas são erguidos por toda a extensão do município.

Em 1978, José Vicente Tavares dos Santos, em seu estudo sobre os colonos produtores de uva do Rio Grande do Sul, anunciava em nota de rodapé a concorrência desigual que os jundiaenses promoviam sobre os gaúchos²⁵¹. O acesso mais rápido a grandes mercados como São Paulo e Campinas, o apoio de uma rede logística com boas rodovias e a linha férrea facilitavam o escoamento da produção. Hoje a realidade não é mais a mesma.

As famílias que atualmente cultivam uva nos estados do sul do país para então produzir, em Jundiaí, o vinho - produto com maior valor agregado - são um dos problemas de pesquisa ainda não investigados. A terra da cidade é reconhecida por não produzir boas uvas para a vinicultura, mas compensa nas variedades de mesa. Cabe, nestes próximos meses, dedicar a compreender como grupos familiares trabalham na interface das novas modalidades de produção alimentar e exploração da propriedade rural. O turismo, a criação de restaurantes “típicos” italianos ou caipiras, apoiado pela produção caseira de vinhos, licores e doces são alternativas, porém que demandam mais mão-de-obra fora do grupo familiar.

Pode-se concluir, nesta primeira fase de pesquisa, que de facto ocorre um intenso processo de transformação da realidade agrária do espaço estudado. Há grupos que adquiriram poder e

²⁵¹ SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Hucitec, v. 2, 1978.

capital, dedicando-se a produção de soja e uva em outros estados da federação. Outros diversificaram suas atividades explorando possibilidades que o próprio sítio fornece.

Cabe compreender como o mesmo espaço físico que é o terreno agrícola abriga fontes variadas de atividades econômicas e potencial de especulação fundiária. Assim, como consequência, é cenário do abandono pela fração dos indivíduos que preferem outra fonte de renda. Essas áreas de cultivo possuem logística, adegas e atendimento especializado a grupos turísticos. Alguns também contam com restaurantes. Como as famílias tem administrado essa especialização de trabalho? Como se dá a sociabilidade entre os grupos? Nesta última fase, o objetivo deve ser investigar, de maneira mais aprofundada, este fenômeno pensado a partir da diversificação do trabalho como instrumento de manutenção do ideal da autonomia financeira familiar.

REFERÊNCIAS

- ALBERSHEIM, Úrsula. Uma Comunidade Teuto-Brasileira (JARIM), CPBE, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 2 (1962)
- CANDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito, Rio: José Olympio, 1964.
- CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Ed. Campus/Pronex, 1999.
- FILIPPINI, E. Terra, Família e Trabalho: o núcleo colonial Barão de Jundiá (1887 – 1950). 182. Dissertação. FFLCH-USP. São Paulo, 1990.
- FRÚGOLI JR., Heitor. A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda. Revista Brasileira de Ciências Sociais vol.18 no.52. São Paulo, 2003.
- FUKUI, Lia Freitas Garcia. Sertão e bairro rural. Ática, 1979.
- HERZFELD, Michael. A place in history: Social and monumental time in a Cretan town. Princeton University Press, 1991.
- NOGUEIRA, Oracy. Família e comunidade (um estudo sociológico de Itapetininga). Rio de Janeiro, CBPE, 1962.
- PEREIRA, Eduardo Carlos; FILIPPINI, Elizabeth. Cem anos de imigração italiana em Jundiá. Estudio RO, 1988.
- RIGAMONTE, Rosani Cristina. Sertanejos Contemporâneos: Entre a Metrópole o Sertão. Editora Humanitas, 2001.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, v. 2, 1978.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica. Revista de Antropologia. Universidade de São Paulo – Departamento de Ciências Sociais, 1986.

SEYFERTH, Giralda. 1985. Herança e Estrutura Familiar Camponesa. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, nº 52, maio.

WILLEMS, Emílio. Uma Vila Brasileira (Cunha), Difusão Europeia do Livro, IV (Janeiro 1961).

WILLEMS, Emílio. "O problema rural do ponto de vista antropológico." Tempo Social, v. 21, nº 1 (2009).